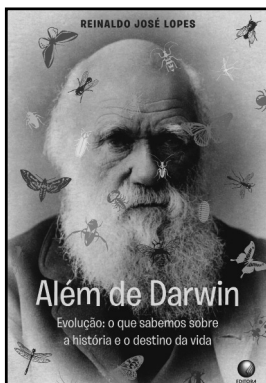


Livros

Reinaldo José Lopes, *Além de Darwin*, Editora Globo, 2009, 232 p.

A mente de Darwin

por Daniel Martins de Barros



Daniel Martins de Barros é médico psiquiatra formado pela Universidade de São Paulo (USP), editor-assistente da *Neurociências*, e trabalha desde 2002 no Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP, onde também é membro do Núcleo de Psiquiatria Forense e Psicologia Jurídica.

Correspondência: dan_barros@yahoo.com.br

A mente humana tem um desafio que é, do ponto de vista lógico, filosófico, neurológico, linguístico ou qualquer outro que se escolha, uma quase impossibilidade: compreender a si mesma. Alguns acreditam que o destino das neurociências é, com o tempo, revelar os segredos últimos da relação corpo-alma; outros, no entanto, são partidários da frase segundo a qual, se o cérebro fosse simples a ponto de ser compreensível, nós seríamos simples a ponto de não compreendê-lo.

Independentemente de qual das visões esteja correta, não se pode negar que por si só a busca por entender mais sobre o cérebro e a mente, quer seja esse objetivo alcançável ou não, vem gerando um conhecimento que se acumula numa enorme velocidade. Isso tem se traduzido em novas formas de tratamento para as doenças neurológicas e psiquiátricas, refinamento da capacidade diagnóstica de males do cérebro e até mesmo redução do preconceito contra os transtornos mentais, pois conforme a ciência avança, mais esclarecidas e menos preconceituosas tendem a ser as pessoas (nesse ponto vale comparar a sociedade norte-americana com a brasileira: o escritor Pete Urley me disse certa vez que nos Estados Unidos a antipsiquiatria não é mais um problema, pois o discurso ideológico que dizia serem os doentes mentais apenas pessoas que “escolheram ser normais de outra maneira” foi derrubado pelas evidências científicas; confesso que tive inveja).

Na tentativa de explicar o funcionamento mental a psicanálise dominou o cenário durante muitos anos, reinando quase solitária como instrumento de investigação do mundo psíquico. Sem querer adentrar nos debates sobre seus limites e seus acertos, o fato é que, sozinha, ela não dá conta do recado. Por isso os cientistas têm se voltado, cada vez mais, para uma outra teoria, apresentada pouco antes, mas que por muito tempo não foi correlacionada à região acima do pescoço: a teoria da evolução darwiniana. Demorou a nos darmos conta disso provavelmente por conta de nossa visão da mente como substância etérea e imaterial, uma causa não-causada. Mas no fundo seria óbvio: se, como disse o professor Theodosius Dobzhansky, nada em biologia faz sentido, a não ser à luz da evolução, isso inclui, forçosamente, nosso cérebro, peça fundamental – para dizer o mínimo – da nossa mente.

O livro *Além de Darwin*, de Reinaldo José Lopes, mostra um pouco desse caminho.

Não se trata, como o título deixa bem claro, de uma obra sobre a teoria da evolução como elaborada por Charles Darwin, mas sim de suas consequências um século e meio depois as descobertas que ela proporcionou e os refinamentos por quê passou ao ser ela mesma ilu-

minada por novos conhecimentos científicos. Fruto de seu trabalho como jornalista científico, o livro reúne textos cujas origens remontam a sua coluna sobre biologia evolutiva, costurados em seis blocos principais: *Parceiros*, *Mentes*, *Peças*, *Elos*, *Formas e Esperanças*. Embora os capítulos no interior de cada bloco sejam aproximados por alguma afinidade temática, os assuntos se sobrepõem ao longo das páginas, dificultando uma taxonomia precisa desses seres chamados informações. Senão vejamos: quando descreve um mamífero cuja sociedade subterrânea é, na maioria dos aspectos, igual à dos insetos sociais, como as abelhas e formigas, estamos falando de quê? Etologia? Psicologia animal? Fisiologia dos extremos? E quando adentra os aspectos éticos do trato com grandes primatas, contando sua experiência com uma bebê gorila, extremamente semelhante à interação com crianças humanas? Ética? Teoria da mente? Genética comparada?

Claro que na seção *Mentes* há a maior concentração de textos versando sobre as pesquisas que

correlacionam o funcionamento mental à seleção natural e à genética: pistas sobre o desenvolvimento da inteligência vindas desde os céus (corvos são verdadeiros gênios, para desespero ainda maior de Poe) e dos mares (os polvos não deixam a desejar, como suspeitaria Júlio Verne); a função adaptativa da “carinha de neném”; ou o assustador parasita que manipula mentes humanas. A verdade é que em cada um dos relatos há um pouco de nós mesmos se revelando ao longo de todo o livro – das controversas teorias sobre o surgimento da religiosidade ou da homossexualidade aos riscos de sermos extintos por nossas próprias ações, o tempo todo Lopes fala de pessoas, seres humanos, seja como agentes ou como objetos de pesquisas.

A biologia evolutiva logicamente não é a resposta final, até porque não temos certeza sequer sobre as perguntas. Mas não resta dúvida que é uma ferramenta importante na caminhada em direção ao entendimento da mente, seja ele alcançável ou não.